



The fountain of Age, Betty Friedan e a idade nascente e renascente

Dulcília H. Schroeder Buitoni

Betty Friedan, ícone do feminismo, depara-se com a velhice e propõe a união da sabedoria com a aventura. A grande ativista, falecida em 4 de fevereiro de 2006, com 85 anos, termina seu alentado livro *The Fountain of Age* (New York, Simon&Schuster, 1993), mil e duzentas páginas em texto de letras grandes - para facilitar a leitura aos que já não enxergam bem? - com a frase "Eu nunca me senti tão livre".

São 19 capítulos distribuídos por seis partes, em que a autora de *A Mística Feminina*, obra fundante para o movimento feminista, analisa o processo de envelhecimento, sua representação e sua negação na sociedade, apontando para novas dimensões no amor e no trabalho e para novas escolhas. Betty comprova, de capítulo em capítulo, que é possível crescer intelectualmente, emocionalmente e até fisicamente na velhice. Para isso, utiliza por vezes uma metodologia quase jornalística, alinhavando dados de entrevistas, de pesquisas científicas de outros e dela própria, num texto fluente e agradável e mesmo assim pleno de conteúdo.

The Fountain of Age resultou de pesquisas acadêmicas que Betty Friedan realizou no Centro de Ciências Sociais na Columbia University, no Centro de Pesquisas Populacionais da Harvard University e no Andrus Gerontology Center na University of Southern Califórnia, com apoio da Ford Fundation e do National Endowment for the Humanities. Já no final dos anos 70, voltada para estudar os desdobramentos da luta das mulheres, Betty preocupava-se com as "não tão jovens".

Ao lançar, em 1963, *A Mística Feminina*, ela deu voz a milhões de mulheres silenciosas. Baseada em entrevistas, traçou um painel das mulheres definidas apenas em termos de sua relação com o homem e de seu papel de mãe. Desse modo, denunciava a perda do potencial criativo, intelectual, científico das mulheres que eram obrigadas a encontrar satisfação de forma indireta, através dos êxitos do marido e dos filhos.

Betty Friedan fundou e foi a primeira presidente da Organização Nacional de Mulheres (NOW) e convocou ainda a União Política Nacional Feminina; lutou pela Emenda de Igualdade de Direitos e novas abordagens em relação ao divórcio, aborto, habitação, emprego e educação. Em 1981, publicou *A Segunda Etapa*, livro que revê a reação desencadeada pela consciência da mística feminina, quando as mulheres se deram conta de que precisavam mudar. Ela escreve: "parecíamos às vezes cair em uma mística feminista que negava o âmago da individualidade da mulher que se realiza pelo amor, carinho e lar". Nessa linha, era preciso romper a falsa polaridade entre feminismo e família, entre mulheres e homens e entre mulheres e mulheres. Era preciso se perguntar como os homens podem se liberar de seus próprios rígidos papéis sexuais. Examinando a questão do trabalho, defendia a necessidade de horários mais flexíveis, meio-expediente e trabalho e estudo em turnos: assim, homens e mulheres poderiam ser mais cooperativos em suas atividades.

Preocupada com todas as fases do processo vital, Betty Friedan avança na idade, pesquisa cada vez mais sobre velhice e escreve outro livro fundante. *The Fountain of Age* desconstrói mais uma mística, a mística da idade-como-problema. O senso comum pensa que ser velho é ser solitário, sem força, sem atrativos e dependente de outras pessoas. Mais uma vez, a autora recorre a entrevistas - com homens e mulheres - e encontra vidas criativas que quebram a expectativa convencional de que a idade conduz inevitavelmente ao declínio. Ela propõe um novo movimento de mulheres, com homens, velhos e jovens, para que juntos transformem a sociedade.

Betty sempre buscou novos padrões de mulher. Em *A Mística Feminina* encontrara algumas mulheres que conciliavam casamento, maternidade e profissão; mas eram poucas. Agora, entrevistava "senhoras" que tinham brilho nos olhos, que vibravam; mostravam-se bem diferentes das frustradas jovens donas de casa do subúrbio, 30 anos atrás. Elas diziam: nunca tive menopausa, não tomei hormônios. Não tinham a obsessão de prolongar ao máximo a juventude, mesmo diante de uma cultura que não coloca valor nenhum na idade "avançada".

No primeiro capítulo - Negação e o "problema" da idade, Betty constata a curiosa ausência de imagens de pessoas com mais de 65 anos na mídia. Dá exemplos: de 464 personagens de ficção do horário nobre de uma grande rede de televisão, somente 7 tinham mais de 65 anos; em 265 matérias sobre idosos de um grande jornal, nenhuma apresentava pessoas ativas: todas eram sobre "problemas" da idade: casas de repouso, aposentados nostálgicos dos anos de ouro, etc. De 290 faces em anúncios da revista Vogue, somente uma parecia ter mais de 60 anos; de 200 pessoas retratadas, apenas dez pareciam mais velhas e mesmo assim, o grande empresário, o escritor... Vanity Fair apresenta dois idosos em 116 fotos.

As revistas masculinas também não mostram a velhice: de 201 anúncios da Esquire, três idosos apenas. Na Time, nenhum anúncio com pessoas de idade. Na parte jornalística, 12 fotos num total de 125. Num trabalho de iniciação científica por mim orientado, os números da revista Veja são semelhantes. A invisibilidade da velhice em jornais brasileiros também foi mostrada em tese de doutorado na ECA de Sonia de Amorim Mascaro.

Ao ver as imagens, Betty não conseguia identificar a pessoa que ela era, à época em que escrevia o livro. De 1890 a 1955, a ficção das revistas estilo magazine reforçava a idéia que os melhores anos da vida eram vividos pelos jovens adultos. Nos anos 60 e 70, a idade baixou um pouco mais e a hegemonia do consumo jovem instalou-se. Toda a publicidade é voltada para a juventude. Feminilidade e masculinidade são definidas por figuras jovens. Só se pode ser feliz sendo jovem.

A autora norte-americana se pergunta: por que as mulheres velhas vivem mais e melhor que os homens? Citando Freud, que considerava que as experiências básicas para a identidade do ser humano são o trabalho e o amor, ela vai atrás das pesquisas que estudam a aposentadoria e as conseqüentes perdas de identidade. Aposentadoria é um paradoxo, diz. Ao buscar novas formas de morar e conviver, mostra que a maioria das casas de repouso são sentenças de morte. No entanto, comunidades tipo kibutz, viver com parentes, visitas de agentes sociais, trabalho com artes, rotinas intelectuais, fazer cursos universitários - são formas de envelhecer com criatividade e crescimento de força vital. Betty reforça a cada capítulo de seu livro a idéia de que o desenvolvimento pessoal é possível mesmo em idade avançada. Ela diz: temos que viver nossa idade. Usando nossos corpos, usando nossos corações e mentes em atividades que nos mantêm humanos.

Questiona a indústria farmacêutica e a medicina altamente tecnológica que encara os idosos como mercado promissor - e altamente rentável. Betty conseguiu mapear as diferentes faces da presença - e da negação - da idade, recorrendo a pesquisas e sempre incluindo detalhes de sua vivência pessoal. Buscou criar novas imagens da idade e conseguiu. Ela acredita que a essência da vida é a mudança. Sem mudança o organismo morre: "É por isso que eu estou interessada em novas coisas todo o tempo. Você tem que estar aberto a novas possibilidades de viver".

Não se pode dizer que é uma manifestação do "estilo tardio", tal como conceituou Edward Said, em que autores, na maturidade, se permitem mais ousadia e criação em suas obras. Betty Friedan dedica *A Segunda Etapa* a seus três filhos e "para a vasta família de minha escolha". Em *The Fountain Age*, a seqüência geracional completa está na dedicatória, lembrando versos hebreus presentes na parede de sua cozinha, celebrando "de geração a geração". E mais, "Este livro é dedicado à memória de minha mãe, Miriam, e meu pai, Henry, que fizeram com que fosse possível uma vida longa para mim". Continua com a enumeração, nome a nome, dos três filhos e oito netos. Para a crítica da mística feminina, pais, filhos e netos são fundantes.